

O Vendedor de Histórias

A pair of dark-rimmed glasses is placed on top of a closed book. The book's spine, visible on the left, has the author's name 'Jostein Gaarder' printed in a red, cursive font. The book is resting on a dark wooden stand. The background is a solid, vibrant red color.

Jostein Gaarder

An open book is shown at the bottom of the cover, with its pages slightly curved. The pages are filled with text, though it is not clearly legible. The book is set against the same red background as the rest of the cover.

EDITORIAL  PRESENÇA

JOSTEIN GAARDER

O VENDEDOR DE HISTÓRIAS

Tradução de Saul Barata

FICHA TÉCNICA

Título original: *Sirkusdirektorens Datter*

Autor: *Jostein Gaarder*

Tradução: *Saul Barata*

Capa: *Oficina da Imagem*

Fotocomposição, impressão e acabamento: *Multitipo*
— *Artes Gráficas, Lda.*

1ª edição, Lisboa, Março, 2003

«[...] creio que se chegou a um extremo — em sentido intelectual, entenda-se — em que poderíamos ser levados a decretar uma pequena pausa cultural para descansarmos sobre aquilo que já conseguimos, isto é, para ser digerido tudo o que fomos ingerindo.»

JOHAX E. MELLBYE, deputado ao Parlamento Norueguês pelo Partido Agrário, em 2 de Maio de 1927

«Desligarmo-nos do mundo dos meios de comunicação de massas e dos que orientam a cultura é como entrar num mundo mágico. É como retroceder para a realidade.»

HAVARD SIMENSEN, homem de leis e articulista do jornal *Aftenpost*, em 18 de Agosto de 2001

Sinto a cabeça fervendo. Estou cheio de centenas de idéias novas que emergem sem cessar do meu subconsciente.

Em certa medida, talvez seja possível controlar os pensamentos, mas dificilmente conseguiremos deixar de pensar. Tenho o espírito transbordante de idéias divertidas, embora não consiga conservá-las por estarem sempre a ser afastadas pelas novas idéias que vão surgindo. Nem consigo estabelecer a distinção entre uma idéia e a outra que se segue.

Raramente consigo recordar-me do que pensei. Antes de poder refletir sobre uma idéia, acontece quase sempre que ela se funde com uma outra, transformando-se numa idéia ainda melhor, mas também esta é tão fugaz que tenho de lutar para salvá-la da torrente vulcânica de pensamento que flui sem cessar...

A minha cabeça está, mais uma vez, saturada de vozes. Sinto-me perseguido por um enxame de almas excitadas que utilizam as células do meu cérebro para conversarem entre si. Não disponho de serenidade suficiente para alojar todas, de modo que sou obrigado a livrar-me de algumas. Tenho um excesso considerável de pensamentos, pelo que necessito de me sentir vazio de vez em quando. Necessito de, a intervalos regulares, me sentar, armado de papel e caneta, para despejar o baú das idéias...

Quando acordei, há algumas horas, tive a noção de que elaborara a frase mais adequada para explicar a existência. Agora já não tenho bem a certeza, mas, de qualquer forma, esse aforismo virginal conseguiu um lugar de destaque no meu bloco de anotações. Estou convencido de que o poderei trocar por um bom jantar. Se conseguir vendê-lo a alguém já famoso, talvez consiga entrar diretamente no próximo Livro de Frases do Ano.

Por fim, acabei por decidir o que quero ser. Continuarei a fazer aquilo que sempre fiz; contudo, a partir de agora vou

viver disso. Não sinto a necessidade de ser famoso, o que é um ponto de partida interessante, mas poderei chegar a ser muito rico.

Sinto uma certa nostalgia ao folhear este velho diário. As citações anteriores estão datadas de 10 e 12 de Dezembro de 1971, quando eu tinha dezenove anos. Grávida de três ou quatro semanas, Maria tinha partido pouco tempo antes para Estocolmo. Nos anos seguintes encontramos-nos algumas vezes, mas fazem agora vinte e seis anos que nos vimos pela última vez. Não sei onde mora, nem sequer sei se ainda é viva.

Ela deveria ver-me agora. Para fugir de tudo, tive de saltar para um avião que partiu logo pela manhã. No final, gerou-se um equilíbrio, pois a pressão exterior igualou a pressão interior. Estou a pensar com muito maior clareza. Se agir com prudência, é provável que possa viver aqui durante algumas semanas, antes que o cerco se feche à minha volta para sempre.

Sinto-me contente por ter conseguido escapar são e salvo da Feira do Livro. Seguiram-me até o aeroporto, mas creio que não conseguiram descobrir qual era o meu vôo. Fiquei com o primeiro lugar vago que me permitia sair de Bolonha.

— O senhor não sabe para onde quer ir? — perguntou a funcionária. Acenei que não.

— Só quero sair daqui no primeiro avião — disse. A jovem fez uma cara de espanto, antes de desatar às gargalhadas.

— Não nos aparecem muitos passageiros como o senhor, mas acho que teremos muitos mais no fu-

turo — sentenciou. E, ao dar-me o bilhete, acrescentou: — Boas férias! Com certeza que as mereceu!

Se ela soubesse... Se soubesse aquilo que eu merecia...

Vinte minutos depois do meu avião ter levantado vôo, saiu outro, para Frankfurt. Eu não ia nesse avião. Convenci-me de que pensariam que eu iria direto para casa, que ia a caminho de Oslo, de rabo metido entre as pernas. Porém, para quem vai com o rabo entre as pernas nem sempre é sensato escolher o caminho mais curto para casa.

Encontrei alojamento num velho hotel situado junto à costa. Estou sentado a olhar para o mar. Mais abaixo, no promontório que entra pelas águas, vê-se uma velha torre mourisca. Observo os pescadores nas suas barcas pintadas de azul. Alguns ainda se encontram na baía, a recolher as redes, outros dirigem-se para o molhe, para descarregarem a captura do dia.

O chão é de mosaico. Sinto a cerâmica fria de encontro às plantas dos pés. Calcei três pares de meias mas nem assim consigo livrar-me do frio dos mosaicos gelados. Se a situação não melhorar rapidamente, tiro a colcha da cama, que é enorme, e dobro-a de maneira a usá-la como apoio para os pés.

Foi um puro acaso que me levou a ficar aqui. Aquele primeiro avião saído de Bolonha poderia ter Londres ou Paris como destino. Contudo, considero ainda mais significativo o fato de estar a escrever, sentado na mesma velha escrivaninha onde, há muito tempo, outro norueguês — também ele uma espécie de exilado — se sentou e escreveu. Encontro-me numa das primeiras localidades da Europa onde se co-

meçou a fabricar papel. As ruínas das velhas moendas ainda se vêem como pérolas ao longo do vale. Não deixarei de visitá-las, embora deva passar a maior parte do tempo no hotel. Escolhi o regime de pensão completa.

É pouco provável que por estas bandas haja quem tivesse ouvido falar da *Aranha*. Aqui gira tudo em volta do turismo e da produção de limões, mas, por sorte, estamos na época baixa. Vê-se um ou outro turista que passeia à beira-mar, mas a época de banhos ainda vem longe e os limões ainda vão precisar amadurecer durante mais umas semanas.

Disponho de telefone no quarto, embora não tenha amigos em quem confiar, pois não ficou nenhum depois que Maria partiu. Além do mais, não sou uma pessoa simpática, nem se poderá afirmar que sou um homem de bem, mas, mesmo assim, tenho um conhecido que não deseja a minha morte. Disse-me que tinha visto um artigo no *Corriere della Sera* e, depois disso, tudo pareceu começar a desmoronar. Foi então que decidi partir no dia seguinte, logo que amanhecesse. Enquanto o avião voava para o sul, tive tempo para rever os acontecimentos. Sou a única pessoa que conhece o verdadeiro alcance das minhas atividades.

Decidi-me a contar tudo. Escrevo para me entender a mim mesmo e escreverei com toda a honestidade de que for capaz. Tal não significa que eu seja pessoa em quem se possa confiar quando escrevo sobre a minha própria vida e sobre a minha obra, sobre a forma como naufraguei ainda antes de me fazer ao mar.

Enquanto estou sentado, a pensar, há um homenzinho que passeia pelo quarto. Não mede mais de um metro, embora se trate de um adulto. Veste um terno cinzento-escuro, sapatos pretos de pelica, chapéu de feltro verde, com bico, e agita uma pequena bengala de bambu. De vez em quando me aponta a bengala, a querer dizer-me que tenho de me apressar e de começar a narrativa da minha história.

Foi o homenzinho de chapéu de feltro quem me pressionou para que conte tudo aquilo que conseguir recordar.

Depois que minhas memórias estiverem publicadas, será certamente mais difícil matarem-me. O simples rumor de que as memórias estão a ser escritas será suficiente para desarmar o mais ousado. Vou encarregar-me pessoalmente da difusão de tais rumores.

Já tenho uns quantos cassetes guardados no cofre de um banco. Pronto, está dito, só não digo o nome do banco, mas mantenho os meus assuntos em ordem. Recolhi cerca de cem vozes nos cassetes, o que significa a existência de igual número de pessoas que têm razões para estarem dispostas a assassinar-me. Algumas me ameaçaram sem rodeios, está tudo registrado nos cassetes, numeradas de I a XXX-VIII. Além disso, inventei um índice engenhoso que permite a rebobinagem do cassete para ouvir uma determinada voz. Fui prudente, alguns dirão astuto. Tenho a certeza de que foram os rumores acerca dos cassetes que me mantiveram vivo durante estes anos mais recentes. Acrescentadas com as presentes anotações, essas pequenas maravilhas terão ainda mais valor.

Não pretendo dizer que as minhas confissões me vão servir de salvo-conduto; os cassetes tampouco. Imagino que irei para a América do Sul ou para qualquer lugar do Oriente. No momento, limito-me a sonhar com uma ilha no Pacífico. De qualquer maneira, estou isolado, como sempre estive. Parece-me mais triste viver isolado no seio de uma grande cidade do que numa pequena ilha do Pacífico.

Transformei-me num homem abastado. Nada de surpreendente. É possível que eu seja o homem mais importante da história desta profissão, pelo menos com esta envergadura. O mercado tem sido ilimitado e nunca me faltou mercadoria para vender. Não se tratou de qualquer negócio ilegal, até consegui pagar impostos. Além do mais, a minha vida foi tão modesta que poderia, se houvesse necessidade disso, pagar uma soma considerável de impostos atrasados. As transações também não foram ilegais para os meus clientes, foram apenas vergonhosas.

Sei que, a partir de hoje, por ser um proscrito, serei mais pobre do que a maioria das pessoas. Porém, não trocaria a minha vida pela de um professor catedrático, nem tampouco pela de um escritor. Duvido de que tivesse sido capaz de viver uma só vida.

O homenzinho está a pôr-me nervoso. A única forma de esquecê-lo é apressar-me com a escrita. Começarei com o fato mais longínquo de que consigo me recordar.

PETTER, A ARANHA

Creio que tive uma infância feliz. A minha mãe não pensava assim. Foi informada da conduta anti-social do seu Petter ainda antes dele entrar para a escola.

Ainda estava no jardim da infância quando a minha mãe foi convocada para tomar parte numa primeira conversa séria sobre o filho; ficava a manhã inteira a ver os outros a brincar, mas não estava triste nem mal disposto. Divertia-me observar a energia que os meus companheiros punham em tudo. Há muitas crianças que gostam de contemplar gatinhos, canários ou hamsters. Eu também gosto, embora me desse muito mais prazer observar meninos de verdade. Além do mais, era eu quem os dirigia, quem decidia o que deviam dizer ou fazer. Nem eles nem a professora sabiam. Por vezes tinha muita febre e ficava em casa, a escutar as cotações da Bolsa que a rádio transmitia. Nesses dias não acontecia nada no jardim de infância. As crianças limitavam-se a vestir e a despir os trajes de treino. Não as invejava. Creio que nem lanchavam.

Quanto ao meu pai, só o via aos domingos. Costumávamos ir ao circo. O circo não era nada mau, mas depois de regressar para casa, entretinha-me a planejar o meu próprio espetáculo de circo, que era muito melhor. Tudo isto antes de ter aprendido a escrever, pelo que todo o circo foi construído na minha própria cabeça. Nada de muito difícil. Também desenhei as instalações, não só a grande cúpula e as filas de cadeiras, mas também os animais e os artistas que

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

